



Gaiato

26 DE OUTUBRO DE 1974

Ano XXXI — N.º 799 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

Fui aos Açores presidir ao casamento do Rogério. S. Miguel foi o poiso do seu coração e a única ilha que visitei e onde estive 6 belos dias. Se não fosse a greve dos T. A. P. teriam sido um bom tempo de repouso.

S. Miguel é chamada, e com razão, a ilha das flores. Tudo é verde, mesmo no fim do verão. Tudo é florido, ameno, cativante, delicioso. Um grupo de amigos, familiares da esposa do Rogério, reservaram as suas férias para esta altura e deliciaram-me com as maravilhas daquela terra. Nada me escapou.

A gente fica extasiado com a actividade vulcânica extravasando continuamente calor e fogo nas conhecidas furnas onde a terra nos cozinhou pela sua natural temperatura uma típica bacalhoadada. As lagoas de águas límpidas e serenas, espelhando a altura enorme e viçosa das suas orlas, dão-nos a impressão da beleza deslumbrante do seu Criador!... O mar, batendo em espuma branca contra as negras rochas, parece morder-se de inveja do manto variegado e rico que veste a Ilha.

Os micalenses pareceram-me muito acolhedores, simples, generosos. Gente boa da terra portuguesa.

Impressionou-me o atraso da civilização, o desbarato das riquezas e potencialidades palpáveis daquela terra. Parece que os portugueses se tornam notados hoje no mundo ocidental por esta característica humilhante. A energia geotérmica volatiliza-se sem que ninguém a aproveite. As suas águas termais correm para regatos sem que a saúde dos homens as aproveite e a riqueza do Povo delas beneficie. Há poucos hotéis, quase não há turismo, não há desenvolvimento.

Eu tomei banho numa piscina enorme alimentada por uma torrente de água escaldante, sulfurosa, barrenta e limpa no parque paradisíaco do Hotel das Furnas e perguntei a mim próprio se esta riqueza é conhecida no Continente, nas nossas Faculdades de Medicina e na Direcção Geral do Turismo.

A Lagoa do Fogo é uma antiga cratera cavada no cimo duma montanha a quatrocentos metros de profundidade. O seu aspecto tem tanto de assombroso como de selvático. A das Sete Cidades, dividida ao meio pela cor das águas verdes e azuis, de orlas escarpadas de um lado e mais extensas do outro, mas todas cobertas de criptomérias, cria no visitante um desejo insaciável de as contemplar sempre, sempre! Que beleza!, que beleza!

Neste ambiente deslumbrante nasce no homem que ama o

Continua na TERCEIRA pág.

Quero dar-vos contas do que foi a nossa peregrinação pelas várias terras desta tão querida Angola. Quando estas notas saírem para a rua, já lá vai mais de um mês. Mas nem o tempo fará esquecer o carinho com que a Obra foi recebida nos lugares por onde passámos.

Éramos 25. Os mais pequeninos também foram. Em Benguela, no dia 19, demos com o espectáculo lindo da sala do Monumental chela de gente. Não fosse a força que a Obra tem e não seria assim. Era a Obra que passava. A Obra viva, presente naquele grupo de rapazes, representando uma Comunidade que ronda os 130. Ainda me recordo do testemunho de uma senhora que ao comprar o seu bilhete, sem cuidar da beleza ou pobreza da sessão, apenas dizia: «Quero ir vê-los. O resto pouco importa». Esta mulher devia ser mãe. Tinha entranhas de mãe. Para ela aquele serão era um verdadeiro encontro familiar.

Chamei peregrinação a este deambular de terra para terra, ao encontro do Povo a quem a Obra da Rua pertence, porque levou a marca

Areias do Cavaco

do sacrifício. Foram 15 noites quase seguidas. E não fora o interesse com que nos rodearam, teríamos desanimado. Assim ficámos com vontade de voltar e o Povo com vontade de nos voltar a ver.

Dia 20, no Cubal. Dia 21 na Ganda. Dia 22, no Alto Catumbela. Pessoas amigas, de há muito conhecedoras da Obra, tomaram sobre seus ombros o doce encargo de encher as salas. Calcorreando as ruas das cidades e povoações, indiferentes ao sacrifício que a si mesmas voluntariamente se impuseram, levavam a todas as casas a boa nova da nossa presença. Lembra aquelas jovens do Cubal e as «bolhas» nos pés pelo muito que andaram, pisando o asfalto das ruas da sua cidade.

Não esquecemos de igual modo, a maneira familiar como os amigos da Ganda nos receberam. Foi um pequenino oásis que descobrimos no final da primeira parte da nossa digressão.

Da Ganda trouxemos o Honório. Fomos encontrá-lo no hospital. O Honório é um miúdo encantador, oriundo de uma aldeia perdida no meio do mato. Estava no hospital. É um rapazinho mestiço que não tinha a quem se prender. A cura dos males que trouxe consigo levará, pelo menos, dois anos. O Honório agora, é outro. Salta, corre, feliz porque encontrou o que lhe pertencia — um lar, uma família.

A Obra da Rua que nasceu para ser Mãe, vai cumprindo sua missão. De todos os lados nos chegam apelos. Nesta hora que justamente chamamos de

Continua na QUARTA página



Paço de Sousa — «Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo» — eis o que nos vale, de tantos telhados e muros e ribanceiras de onde eles podem cair e não caem.

MALANJE

● Apareceu — carregado o corpo, com um filho no colo e dois pela mão; os olhos, de dias sem poentes bonitos.

Que lhe ficasse com os dois... Seu companheiro branco — pai dos três filhos mestiços — se fora e agora ninguém os queria.

Vi-os seguir pela estrada sem lhes poder valer. Onde o

fim desta estrada comprida? Fácil. Tão fácil! O branco que se foi — vir, tomar a rapariga preta mais seus filhos e viver em família. Viver sem cor.

Um amigo meu, branco, é formado e director duma escola. Casou há dois anos com uma menina preta com o sétimo ano. Estive há tempos em casa deles com o seu bebé nos

joelhos. Menino mais lindo! Tanta felicidade naquele lar! Que bonito!

Admiro o meu amigo por ter vencido todos os preconceitos duma sociedade cheia de hipocrisias.

● Pão... Preço subiu, ele min-gou. Há pão com fatura no teu lar? Que bom! Procura que

Por
Padre Telmo

os teus sintam e vivam essa alegria... Só repartindo um pouco. Na nossa Aldeia entram por dia 300 pães, metade do que seria necessário.

Quem quer repartir o seu pão connosco? Uma ajuda mensal... que nós traduziremos em pão quotidiano. Não faças muitas contas... Deus fará o resumo final.

PELAS CASAS DO GAÍATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

JUSTIÇA SOCIAL — Hoje, principalmente, a nossa acção no meio rural — do ponto de vista material, entenda-se — mais não é do que suprir o longo imobilismo do Seguro Social a que os Trabalhadores Rurais foram votados, como, também, alguns outras profissões que, pela idade, por sua culpa ou não, não foram abrangidos por benefícios a que teriam direito, agora, na curva da vida. Eles e suas mulheres, até mesmo os descendentes.

Não há dúvida, a força é dos que podem! E quem não, arrega. Ou morre lentamente...

Que dizer daquela viúva, doente, cujo marido descontou — há muito — mais de duas décadas para uma determinada Caixa e ela, a viúva, ficou sem nada?! Houve de pegar, sabe Deus como, num gigo de pão e fez-se distribuidora. Pouco tempo. Depois, lavadeira. Piorou!...

Entretanto, escrevemos às Caixas. E, até, ó Ministro! Tudo resultou, há um ou dois anos, num «dossier» de muito papel! Solução: «Como F. não descontou para a pensão de sobrevivência...» — passem muito bem.

A mulher precisava — precisa — de sobreviver. Faz biscatos, sabe Deus como. Inscreveu-se, por vontade expressa, na Casa do Povo. E, agora, na Caixa das Empregadas Domésticas. Não precisaria disto...

As voltas, os sacrifícios, as amarguras, o trabalho escravo desta mulher para, um dia, Deus permita tarde, ao acamar definitivamente, ter, ao menos, o que fora negado!

De quem é a culpa? Casos destes, por esse País fora, são muitos ainda, com certeza. E vêm parar às mãos dos vicentinos — e quejandos!...

Era melhor investir do que servir... Os números são irrefutáveis! Estes problemas escapam? Pois escapam.

Apareça, então, lá no topo da pirâmide, quem mexa e remexa, cuidadosamente, casos deste género — para lhes dar uma solução capaz. Não serão precisas mesas redondas, nem especiais comissões de estudo, etc., etc., de que somos pródigos — sempre fomos! As coisas são como são. Era só motivar oficialmente os Fracos, os Oprimidos — sem voz... — e eles, aparecerão; irão aparecendo. Depois, contas feitas... seria mais uma transfusão de sangue nos membros mais esquecidos de um corpo doente.

PLACA — Ainda não se extinguíram os ecos à nota publicada em 31 de Agosto sob o título POBRES!

O nosso homem já recebeu o material para a placa — oferta da própria fábrica onde o requisitámos!

— É para um Pobre... Diga-me lá o preço, para mandar já a massa.

— Como é p'ra um Pobre, tenho o prazer de a fornecer pelo preço da chuva. Só é pena não dispor de transporte...

Ó delicadeza! A obra está a subir e abrimos crédito para cimento — e o mais — que a areia «eu, o meu filho e a minha mulher temo-la arranjado, e boa, nos caminhos do monte» — disse-nos, satisfeito, o auto-construtor.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



E lá andam, atarefados, numa alegria esfuante!

Esclarecemos os nossos Leitores que o dinheiro recebido que não for preciso à obra já tem meia dúzia de auto-construtores à espera. Felizes! Um deve 30.000\$00 e casa por acabar. Outros, mais ou menos pela mesma bitola. Casas a subir ou já telhadas com esforço sobre-humano, heróico. Vamos dar e apertar-lhes as mãos com a vossa partilha — que é luz da Luz.

Ouçam Lisboa:

(...) *Li o artigo «Pobres» e fiquei impressionada e resolvi ajudar esse pobre homem, muito rico em vontade de trabalhar, e sua família, enviando 1.500\$00 para a placa. O que outros mandarem será para ajuda doutra parte do anexo que ele vai construir.*

Pensamos ir viajar uns dias, mas não queria ir sem ajudar um pouco essa família como tantas de que não temos conhecimento e a quem falta o mais essencial.

O vosso jornal é o meu despertador moral. Não que não tenha os outros presentes, mas por vezes não conhecemos as faltas, ou melhor aqueles que realmente as têm e, por vossa intermédio, como tenho confiança em vós, vou conhecendo-os e de vez em quando ajudando.

Junto pois um cheque. Se alguém já liquidou a placa, empregue-o noutra coisa, igualmente necessária, seja a quem for.»

Santarém:

«Dando satisfação ao apelo n.º «O Gaíato» de 31 de Agosto para mais uma casa a favorecer uma família

necessitada, junto um cheque de 1.000\$00.

Lamentando que as circunstâncias actuais me não permitam maior do-nativo, me subscrevo...»

E Coimbra:

«Junto 100\$00 para ajuda da divisão da casa que precisa de mais um compartimento.

É pouco para o que precisa, mas agora não posso enviar mais...»

Uma cruzada de amor! Obrigado.

Júlio Mendes



A LENA — Temos no nosso meio a Lena. É professora primária e vai ensinar, no presente ano lectivo, em nossa Casa, e ao mesmo tempo, cuidar dos nossos «Batatinhas». Anda atarefadíssima com os quartos deles e com a Escola.

Era óptimo que ela se adaptasse ao nosso ambiente e que pró ano cá quisesse continuar. Temos grande necessidade de alguém que nos cuide dos mais pequeninos, aos quais, nós rapazes, quase não damos a atenção e o carinho de que precisam.

O BERNARDO — O nosso Bernardo veio da tropa em Julho de 1973 e tinha a quarta classe. Era tractorista e não tinha a carta de condução.

A Família cresce

Tem sido um rodopio de casamentos e baptizados. Novos seres, «com que o mundo

balhando na construção do Terminal mineraleiro na Ponta do Ouro, extremo sul de Moçambique, ela professora na nossa Casa de Lourenço Marques; e do «Tavira» e Maria Virgínia — ele operário numa fábrica de calçado em Gaia, ela na vida doméstica, em Paço de Sousa.



Manuel Rosa e Maria Idília

se embeleza», aumentam a Família de Deus. Novos lares que, pela fecundidade do amor, desejamos sejam alvéolos oxigenando a vida social, onde se estabelecerem.

Aí vão fotografias: do Manuel Rosa e Maria Idília — ele tra-



«Tavira» e Maria Virgínia

Nessa altura começaram as aulas e ele foi, entusiasmado, estudar sozinho para no fim do ano lectivo fazer o 2.º ano com 13 valores graças ao seu grande esforço e à colaboração de alguns que o ajudaram.

Este ano vai continuar a estudar. Matriculou-se no 1.º ano do Liceu, mas já sabe que tem de continuar a fazer as seis horas por dia de tractor de lagartas.

x x x

CASA CHEIA — Ultimamente têm entrado muitos rapazes, por isso o mais pequenito já não é o «Piguita» mas o Aparício, o Carlitos e o «Pato».

O Aparício veio há dias com o João. Para onde vai o João tem de ir o Aparício. Se alguém os quiser conhecer basta verem a figura daqueles dois olhares vivos e risinhos — um com as alças caídas e o outro com a falha de três dentes à frente — e sempre juntos.

Conhecem o grande cantor dos «Batatinhas»? É o «Barrabás». Já actuou em nossa Casa em dia de convívio. Pró ano vai, com certeza, ser actor nas nossas Festas. É típico o seu olhar e a sua maneira de pedir merenda.

Chegou mais um, o irmão do «Japonês». Veio de Salazar. Na sua chegada o «Japonês» chorou por ver a mãe. O mais novo quando o carro partiu para Salazar queria fugir, para ir com a mãe, mas o «Japonês» — que é mais velho — e viu as dificuldades da sua mãe, correu atrás dele e convenceu-o a voltar. O pequeno tem alguns sete anos, nunca fugiu e já é como os demais. Está adaptado.

E há outros, mas muitos! Pena é que já não haja mais sequer uma cama vaga para aqueles que estão fora e também em necessidade.

Joaquim Carlos Fernandes

Tribuna de Coimbra

A liberdade autêntica só a encontramos na pessoa de Jesus Cristo. Foi o único homem inteiramente livre. Livre, porque isento de imperfeições. Isento de imperfeições, porque Homem-Deus. Só Ele nos pode apontar um caminho seguro de liberdade. Liberdade apoiada no amor, amor que leva à justiça e justiça que conduz à paz.

Não conseguiremos a paz sem liberdade e não teremos liberdade sem a concórdia. Concórdia e amor humano; amor humano que deve ser fruto do amor de Deus; de Deus somos filhos, filiação que nos torna irmãos.

Estamos a viver um tempo em que os homens, obstinadamente, mostram que não querem ser irmãos. Ficamos até com a impressão de que há homens que andam à procura de outros homens para os comer.

Que tristeza profunda sentimos quando deparamos com quadros e imagens a provocar o ódio e a vingança! Pessoas a proclamar a maldição «deses monstros!» «Monstros» atribuídos com o nome próprio de pessoas que já não estão conosco e de quem a Pátria recebeu o servir, servir com defeitos (como é próprio do servir humano)!

Chegamos a um momento em que muitos querem ser parte do passado só negativamente. Mudam-se nomes, ridicularizam-se acontecimentos que fo-

ram valorosos, ultrajam-se pessoas que nos merecem respeito.

O f e n d e u-nos gravemente aquela senhora que no ecrán incitava os jovens e todos ao desprezo, citando nomes. Exaltava a sua bravura e a do seu marido. Nunca falou em filhos (talvez os tenha no gato ou no cão). Não tem consciência de que havia pessoas que viam e ouviam e andam carregados com os filhos dos outros e vivem abismados com o descaramento de tais programas, pois sentem que assim não se educam homens de amanhã.

Quem tem falado publicamente nos Pobres, nos Doentes abandonados, nas crianças filhas de ninguém? Não merecem também todos estes, serem considerados trabalhadores da sociedade?

Lançamos este grito porque carregamos com um enorme peso social e desejamos ver todos os homens irmãos. Todos de mãos dadas a construir uma autêntica democracia, autêntica porque respeitadora da liberdade de cada um, cada um que tem virtudes e defeitos.

Como, geralmente, o nosso procedimento seria outro se tivéssemos presente o episódio evangélico do Senhor com a mulher adúltera: «O que está inocente atire a primeira pedra!»

Queremos gritar bem alto: sem a concórdia não há justiça, não há paz. Todos queremos a paz.

Padre Horácio

Novos leitores de «O GAIATO»

● Correspondência dos Leitores

Entre a correspondência de, ou por causa de novos Assinantes, recolhemos significativos extractos que testemunham a opinião pessoal, ou generalizada, dos Leitores. São almas que fervem. Entusiastas. Que não guardam para si. Partilham. Daí, como poderíamos esconder a luz debaixo do alqueire?

Vamos começar por Coimbra:

«Há muito tempo que ando para escrever, pedindo o favor de me considerarem assinante do querido jornal «O Gaiato», mas deixamos que os afazeres da vida nos tomem o tempo todo e, assim, por vezes, as intenções não passam disso.

Quando vinha ao sábado à Missa à Baixa sempre comprava o «Famoso»; mas, agora, como passei a ir lá no lugar onde moro, nunca mais pude fazê-lo.

Há dias, quando vinha para o emprego, no transporte vi um pequeno vendedor e comprei o jornal. Gostei tanto! Aliás, sempre o devorei de uma ponta a outra, pois a sua leitura traz-me um bem-estar como nenhuma outra.

Para mim é um jornal sincero e onde a vida está em todas as linhas escritas.

Portanto, peço mais uma vez a honra de ser vossa assinante. Diga-me quanto é a assinatura

ra e como se paga, pois eu não sei...»

Deveriam proceder assim todos os nossos Leitores avulsos... A propósito: na edição anterior faltaram jornais para a venda de Braga. Recorremos às sobras do Tojal e de Setúbal. Comentário da malta: «Devíamos transmitir a quantos ficaram sem jornal para se inscreverem como assinantes...».

Quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça.

A carência de papel é um facto. Não se vislumbram melhores dias. E dávamo-nos ao luxo (ainda?) de exportar pasta e passarmos fome de papel — como passamos! Negócio de tubarões...

E esta carta de Braga?!

«Conforme sempre tenho feito, junto 300\$00 para pagar a assinatura e 200\$00 para o que bem entenderem.

Estou na casa dos 74. É tempo do render da guarda. Como tenho um netinho no casa dos 6 anos, é meu gosto que a minha assinatura passe para o seu nome, a partir do próximo número...»

«O Gaiato» de geração em geração!

Nova presença do Castelo de Sesimbra:

«(...) Tenho muito gosto de enviar cinco assinantes. Estes, porque são amigos da Obra da Rua, cá estão a interessar-se por ela.

Agradecemos a palavrinha de estímulo nos «Gaiatos» de 20 de Julho e 17 de Agosto. Mas o «viva para Sesimbra», etc., seria mais certo para o «bom povo do Castelo de Sesimbra». E que os assinantes são desta última paróquia. No entanto, não tem importância quanto a mim. Como vê, são duas paróquias: Sesimbra (vila), a praia, o Castelo de Sesimbra (campo).»

O seu a seu dono!

Porto:

«Minha irmã casou há dois meses e sente na sua casa a falta da presença de «O Gaiato» — que aqui se habituou a ler sempre. Por isso, peço para ser considerada assinante. Enviem-lhe o «Famoso» para a seguinte direcção...»

Eles mandarão a importância que lhes for possível para o custo do papel deste valioso jornal que é recebido sempre com carinho e se tornou indispensável.»

Paul:

«Conheci, este ano, mais directamente, a vossa Obra, por assistir à simpática festa no Fundão.

Para mais perto estar a par da Obra, agradecia o favor de me considerarem assinante do vosso jornal. Como não sei o preço da assinatura, agradeço-me informem...»

Foi esclarecida. No entanto, informamos os nossos Amigos

que, por princípio, sempre nos repugnou estabelecer preço para as edições. Cada um mandará o que puder e quizer. Mas, para os mais escrupulosos, aí vai um limite, actual: 40\$00 por ano.

Alverca do Ribatejo:

«Envio uma direcção para fazerem o favor de mandar para lá o nosso importante «O Gaiato». E digo importante porque, como ele, não há jornal no mundo!»

Que diria Pai Américo?... Lisboa:

«Levantem sempre bem alto e sem medo a voz pelos que a não têm. Por meu lado trabalho pobremente com as raparigas vítimas da prostituição. Assim nos encontramos...»

A importância de «O Gaiato» está aqui...

● Do Mundo Lusitana

Além do que já foi dito, temos presenças de Viseu, Alameda, Marinha Grande, Azurva (Eixo), Oeiras, Minde, Lei-

ria, Lousã, Fundão, Torres Novas, Penafiel, Tondela, Setúbal, Ardazubre, Areosa, Lamego e Braga.

Porto e Lisboa o costume costumado. De África, comparece Lourenço Marques.

● Do estrangeiro

Duas presenças de França: Aix-En-Provence e Saint Martin d'Heres. Uma do Rio de Janeiro — Brasil. Outra de Manila — Filipinas.

Não há povo mais universalista do que o Português!

Um abraço para todos os Emigrantes.

Júlio Mendes

PATRIMONIO DOS POBRES

Ao «assinante da casa dos 100» que, a propósito de uma emissão televisiva sobre o Barredo (e profundamente chocado pelo silêncio absoluto da presença de Pai Américo naquele bairro), nos pergunta «porque acabou a campanha do Património», nós respondemos que não acabou.

O Património dos Pobres é, sobretudo, isso mesmo: uma campanha, um movimento que tem alertado a sociedade adormecida para esta chaga que feria, e fere ainda, tão grande número dos seus membros e para o dever de a remediar, que se impõe prioritariamente. Mais do que as trinta e tal centenas de casas que, sob este nome, se construíram do Minho ao Algarve e nas Ilhas Adjacentes e em Angola e Moçambique — o Património vale pela solidariedade que desencadeou, pela esperança que acordou em muitos, ao descobrirem que, de mãos dadas, poderiam eles próprios remediar-se. O impossível pode, afinal, reduzir-se a um ovo de Colombo — eis o que Pai Américo, inspirado na dinâmica da Caridade, inventou e transmitiu a outros, com uma eficácia que se mantém. Para reconhecer que assim é, basta ao nosso «assinante da casa dos 100» e a todos os leitores, retomarem a procissão que, sob a epígrafe AGORA, desfilou nos dois derradeiros números de «O Gaiato»; e saberem que quanto ali se descreve é transformado em telhados de Pobres.

Ah! mas esses que desfilarão no AGORA são minoria...

— é verdade! Ah!, mas os que já estão remediados são outra minoria... — outra verdade! Por isso a «campanha» do Património continua, jamais fez tréguas, realizando o que pode e procurando despertar mais — todos — para a solidariedade que permitirá realizar o resto — tudo — até que não haja mais chagas habitacionais para curar.

Aborda o nosso correspondente um ponto muito crucial, olvidado pelas intenções demagógicas com que estes temas, por vezes, são tratados: a inércia das próprias vítimas destas chagas habitacionais. Este é um mal maior do que as mesmas chagas. Envolve problemas de educação, de reacção decidida a um condicionamento infra-humano a que alguns se acomodaram — sem o que qualquer acção válida é retardada e, às vezes, inutilizada. Ainda aqui tem cabimento a fórmula activa, auto-eficiente, de Pai Américo: «Obra deles, para eles, por eles». Claro que ela (a Obra) depende de planos, de facilidades oferecidas, de uma mentalidade generalizada de que a habitação é um problema primeiro. Mas não tenhamos ilusões de que hão-de conseguir-se recursos à medida das carências; e de que seria a recta pedagogia apresentar prontas as soluções sem a intervenção daqueles a quem elas se dirigem.

O Património dos Pobres tem a sua experiência neste ponto; guarda lições colhidas ao longo dos seus 23 anos de existência. Destinado a «Pobres necessi-

tados e Indigentes», onde esta condição não foi respeitada e casas foram entregues a necessitados, sim, mas capazes de fazerem algo por si mesmos, sem que tivessem sido chamados a fazê-lo, tais entregas revelaram-se deseducativas e geraram problemas mais graves.

É por isso que a actividade do Património evoluiu no sentido de dar a mão, de preferência, aos que se não deixaram acorrentar pelas malhas atávicas da miséria e empregam todos os seus esforços para a sua própria libertação. Esses são verdadeiramente dignos da nossa solidariedade. E esta um valor imprescindível a juntar aos grandes planos, às facilidades oferecidas, em que oxalá sejam fecundos, Governo, Técnicos e Autarquias locais.

Atear o fogo desta solidariedade entre os homens — eis um papel importante do Património dos Pobres, que Deus nos ajude a prosseguir nas colunas de «O Gaiato» e por esse País além.

P. S. — A pessoa que «tem em sua mão 12 contos para o Património dos Pobres» e hesita sobre «aonde (no Porto) e a quem os deve entregar», se informa que pode mesmo fazê-lo no Espelho da Moda e à «Menina da Caixa», que é nossa filha, também.



Conti. da PRIMEIRA página

Povo e o vê tão atrasado por falta de meios, uma sensação de revolta e de tristeza. Porque não é explorada toda esta maravilha?

Consola-nos observar o desenvolvimento pecuário, a preparação e aproveitamento das pastagens com manadas de vacas leiteiras a perder de vista. O único ponto onde o dedo da técnica moderna se nota.

A esperança é fonte de energia. Muitas promessas foram já feitas às gentes micaelenses, mas só promessas.

Vivemos um tempo em que não podemos esperar muito sem ao menos ver o raiar da aurora. Que os relâmpagos rasguem a noite, compreendemas. Mas se não anunciam o dia claro, em vez de esperança criam angústia naqueles que amam o Povo.

Padre Acílio



Vidas destroçadas

Exposta, abandonada, filha de pai incógnito, ela cresceu entregue a uma Mãe. Feliz!

A páginas tantas, foram vítimas de atoarda. E a pequena volta ao Recolhimento! Triste, desorientada — injustamente ferida. Então, retoma a cruz do seu calvário doloroso: troca o amor de mãe, da Família, pelo casarão massificante, ornado de velhíssimas carências. É a número x na redoma-escura... de vácuo. Despersonaliza-se. Fica marcada, psicologicamente atrofiada.

Atinge os 18 anos... e rua. Como quem solta uma cadela na floresta!

— Sai com os olhos tapados!...

E cobre a vista com as duas mãos.

— Assim. Foi assim..., repete.

Na altura — há 20 anos — enxotada do casarão, sem nada, sem ninguém — ó ironia! — arranja-se-lhe trabalho, aqui perto, como empregada doméstica. Depois, vem a cidade, como aliciante. Troca a aldeia pela urbe, ainda como empregada doméstica. Foi a desgraça, pois claro. O corolário triste de velhos sistemas escudados no angelismo.

Com dezanove, vinte anos... sem educação sexual, sem experiência de vida, sem preparação para o Matrimónio, encontra um magala que a seduz. Um desastre! Já na disponibilidade, o moço foge com ela para o Alto Douro...

Ele era engraxador. Virou a carregador. Agora, recebe mais de 4.000\$00 por mês. Alcoólico inveterado, sempre fez do ambiente familiar um verdadeiro inferno!

Habitam uma cave; velhíssima adega, fria, húmida. Camas, não; colchões no lagar! «Aquilo parece uma mina ou um poço. Ali criei os meus filhos, sabe Deus como. Com muito sacrifício, com as torturas e as borracheiras do meu homem...»

Hoje, a pobre mulher bate-nos à porta, com a filha de 17 anos pela mão:

— Acudam-me! A gente não o aguentava mais. Tivemos de abandonar a casa! Da parte de manhã, deu-nos mais uma coça. Já traz uma navalha na manga do casaco. Pode-nos matar!... Olhem que não dormíamos mais do que uma hora por noite! É um martírio...

Entraram. Cada uma traz um pequeno saco de plástico, de supermercado: — «É a nossa roupa...», esclarece a mãe, aflorando um sorriso patético.

Pousaram a tralha. Sentaram-se. Não quiseram jantar. Só petiscaram. «Com'ê q'a gente pode ter apetite?!...»

E continua:

— A minha filha já não podia mais... Andava a servir. Mas, o meu homem, antes do fim do mês, ia às patroas pedir o dinheiro adiantado... pró vinho. Agora, queria metê-la num tasco...!

A pequena intervém:
— Eu p'ra um tasco daqueles?!...

— A gente não aguentava mais! — repete a mãe. Como sei o que sofri e sofro, não quero deixar a minha filha. Não quero q'ela perca a cabeça... como eu perdi.

Já não choram!
— As nossas lágrimas separam. Temos chorado tanto, tanto, tanto! Secaram!

— É que se a minha mãe não abandonasse a casa, eu fugia sózinha. Aquilo não se pode aturar! Ninguém poderia aturar aquela vida negra.

— ...
E mais e mais. Seria esca-

broso abrir o livro completamente! Basta isto e já não é pouco.

— Sabe?, acho q' o melhor seria empregarmo-nos num hospital. Não andávamos na rua...

Pegámos no telefone. Marcámos quatro. E nada! «Temos o quadro cheio.»

— Eu faço tudo, diz a mãe. Tudo. Até de cozinheira. A minha filha, essa, andava a servir...

Não conseguimos solução imediata para o caso, naquela noite — tão longa!

— Paciência! Seja o que Deus quiser.

Um rasto de fé, de Esperança!

— Se hoje nos derem dormida, amanhã vamos ter com a minha prima. Esta é a última carta que nos mandou... É minha prima direita. Muito nossa amiga.

As vezes, quando se expri-

mem, arrepiam-se, tremem — assustadas, suspeitas...

— Temos medo dele! Se nos vir, mata-nos. Traz uma navalha na manga do casaco. É só fazer assim... Ele sabe.

Preparou-se-lhe cama. Dormiram descansadas. Mas, no dia seguinte, de manhã, parecem duas libertadas de um campo de concentração. Enfiadas!...

— Toda a santa noite sonhei com ele — diz a mãe — a insultar, a bater, a ameaçar-nos. Um sonho terrível!

Tomaram o pequeno-almoço. Partilhámos do que havia: afecto, roupas, dinheiro. «Viemos com 200\$00 emprestados...» E seguiram para a camioneta.

— Ainda temos uma prima! Vamos ter com ela. Depois..., se tudo correr bem, mando vir os meus filhos todos. Quero-os todos comigo. Ele também está por pouco...

A história não é inédita. Mas de todos os dias. Aqui, ali, acolá. Resultado de carências sociais, afectivas, pedagógicas..., e do álcool — um dos maiores cancros da Nação. «Aquele é uma terra de bêbados. Onde eu fui cair!...»

x x x

P. S. — Entretanto — e à última hora — chegam boas notícias da pobre mulher! Ai vai um extracto da sua carta:

«(...) Na hora que lhe estou a escrever já estamos em nossa casa, ao pé do meu homem e dos meus filhos, porque o meu homem foi-nos buscar a casa da minha prima e agora já se tem portado melhor. Eu sei que esta é a cruz que tenho de seguir. A minha filha andou sempre comigo. Não quis ficar lá na minha prima, que a empregava numa fábrica. Quis vir para a terra dela...»

Ó carta! Demos graças a Deus.

Júlio Mendes

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página
cisiva para esta terra, em que é posta à prova a medida de generosidade das suas gentes que mais podem, a Obra da Rua quer dar uma resposta. Quer crescer. Precisa de crescer. E porque é uma Obra do Povo que nela pôs sua confiança, ao Povo vai buscar o apoio de que precisa. Por isso saímos para a Rua.

Dia 23, estivemos na Catumbela. Foi uma noite grande. Pai Américo continua vivo no coração da boa gente da Catumbela. A sala do União foi testemunha.

As noites de 24 e 25 foram para as gentes do Boroio e do Balombo. Era a primeira vez que a Obra, ao vivo, tomava contacto com as suas populações. Cedo nos apercebemos de que não éramos uns desconhecidos. O sr. Vidal, o homem da máquina e do cinema, esqueceu os seus interesses pessoais para pensar em nós. Naquelas duas noites viveu apenas para a Obra da Rua. Bem haja.

A propósito: era nossa intenção bater à porta de todos os fazendeiros da região. Não o pudemos fazer naquela altura. Fazemo-lo agora por uma carta que todos já terão recebido neste momento. Oxalá nos recebam tão bem como o fizeram aqueles que estiveram nas salas nas noites de 24 e 25.

Novo Redondo estava no nosso caminho. Havíamos recebido cartas a perguntar se não íamos lá. Na noite do dia 26, foi o nosso encontro no Salão do Sporting de Novo Redondo. Aqui, a delicadeza atingiu ponto alto. Bem hajam, gentes de Novo Redondo. «Não temos ouro nem prata para vos pagar, mas o que temos vos damos» — a irmãzinha do

nosso Albano tem o lugar que merece e pediu; que venha depressa.

Eram 4 horas da madrugada quando chegámos a Casa. Era o dia 27; o dia marcado para a Baía-Farta. Havia muito tempo já que o vendedor de «O Gaiato» naquela vila trazia recados a saber se íamos ou não. Fomos ao fim da tarde desse mesmo dia. Estava uma noite fria. No anterior houve circo. No outro, cinema e no outro também. Pois nada e ninguém impediu que o Cine Esplanada naquela terça-feira de 27 se apresentasse como uma casa muito boa. Todos ficaram satisfeitos. Nós também.

E Nova Lisboa? A noite de 28 era para o Povo de Nova

Lisboa. Motivos imprevistos não permitiram que estivéssemos no Ruacaná. Ficámos com muita pena. Todos ficaram do mesmo modo. Sabemos do desejo de muita gente de nos ver lá. Mas, este ano, não pudemos.

Caála, em 29; Bela Vista, dia 30; Bailundo pela primeira vez. Lançámos a semente. Porque a terra é boa, há-de produzir. E, nesta esperança alegre, deixámos o planalto de regresso ao litoral.

O Lobito ficou para o final. Que gente amiga, este Povo do Lobito! A sala do Império não podia conter mais amigos! Fechámos, assim, com chave d'ouro, no dia 2 de Setembro, a nossa peregrinação.

Hoje no Evangelho da Missa, Deus falou-nos da parábola do rico opulento, a quem nada faltava e do pobre Lázaro que se encontrava à porta do seu palácio, cheio de chagas e fome, esperando que lhe dessem ao menos algumas migalhinhas. Mas nada disso aconteceu.

Deus não condena as riquezas, mas sim o mau uso que se faça delas. Nada é nosso; tudo que temos e somos é do Senhor. Nós apenas somos os administradores dos bens que Ele nos dá, dos quais nos pedirá contas um dia. Pobres sempre os teremos; mas é preciso que os que podem, os auxiliem, não só material como moralmente, com humildade, vendo neles um outro Cristo, que nasceu pobre e pobre mor-



reu, para nos dar o exemplo. É pela Caridade, que é a maior das virtudes, que nos havemos de salvar.

As ajudas para a casa do carpinteiro não foram muitas, comparadas com os 30.000 assinantes do «Famoso» que tantas almas tem trazido ao caminho da Verdade. A primeira oferta veio duma nossa amiga de Alcobça com 500\$;

Porto, 100\$; Rio Caldo, 50\$; Alijó, 100\$; Paço d'Arcos, 500\$; Porto, 500\$; Viana, 100\$; Anónimo 100\$; Lisboa, 500\$; Oeiras, 200\$; Paço d'Arcos, 900\$; duas vicentinas de Lamego, 200\$. Têm lá os seus Pobres mas a sua generosidade chega também a estes! É que a Caridade não tem fronteiras. Lisboa, 500\$ mais 400\$; Alte (Algarve), 100\$; Anónimo, 100\$; dez rands renderam 400\$; Lisboa, mais 2.000\$. Alguns destes donativos vieram por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Em meu nome e do contemplado, um muito obrigada. E a quem o não fez, está sempre a tempo. No próximo número falaremos dos nossos trabalhos.

Maria Augusta

